



VOZ DA FÁTIMA

(COM APROVAÇÃO ECLESIASTICA)

Director, Proprietario e Editor
DOUTOR MANUEL MARQUES DOS SANTOS

Composto e impresso na Imprensa Commercial, á Sé — Leiria

Administrador: PADRE M. PEREIRA DA SILVA
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
RUA D. NUNO ALVARES PEREIRA
(BEATO NUNO DE SANTA MARIA)

13 de Janeiro

A's dez e meia estavam na Fátima esperando, dentro do automovel, que cessasse a chuva, que sobretudo de madrugada fôra torrencial.

Como de costume tínhamos rezado em commum o Santo Rosario, parando um pouco no fim de cada terzo para trocarmos impressões.

De Leiria ás Córtes e Reguengo do Féfal, estrada quasi intranzitavel. Depois, lá no alto, um frio que enregelava.

Em volta da capelinha apenas quatro ou cinco pessoas.

O vento e a chuva não permitiram que se celebrasse no altar exterior em frente da capelinha commemorativa das Aparições.

Pensava-se em ir celebrar á egreja parochial, quando alguém lembrou que recentemente tinha sido construido um altar dentro da capela.

Emquanto tudo se preparava para a primeira Missa, que foi celebrada pelo Rev. Manuel Pereira da Silva, administrador da «Voz da Fátima», ia chegando bastante gente por quem se distribuíram ainda cerca de quatro mil exemplares d'este jornal.

A segunda Missa foi celebrada pelo Rev. Dr. Manuel Nunes Formigão, de Santarem.

Houve algumas dezenas de comunhões, impedindo a chuva que outras pessoas chegassem a tempo esperando fazel-o ainda na egreja parochial.

Vimos lagrimas de commoção em alguns olhos. Fez as piedosas e sentidas invocações do costume o Rev. Dr. Manuel Marques dos Santos, que teve de terminar mais cedo o sermão por causa da chuva. Apartámonos depois, saudosos, d'aquela estancia bem dita mas não sem, já de dentro do automovel que nos conduzia, cantarmos commovidamente, as nossas despedidas á nossa querida Mãe do Ceu, dizendo:

De Vós me aparto, ó Mãe!
Adeus, adeus, Maria,
No ceu, no ceu, no ceu,
Eu Vos verei um dia!

As curas da Fátima

Foi-nos enviada a seguinte carta, que pedimos venia para publicar:

«13-1-924, ás 3 da tarde.

Venho sob a maior commoção dar-lhe parte duma grande graça concedida por Nossa Senhora da Fátima, «a Nossa Santissima Mãe do Rosario», a esta humilde filha.

Não sei se lhe cheguei a mandar dizer que duas injeções que me deram, (uma em cada braço), se me infectaram a ponto de me incharem os braços, ter dores horribeis, e depois de muitos dias de martyrio e sem nada poder fazer, de cama, com febre e completamente inutilizada dos dois braços, declara o médico que dois dias depois, voltaria para m'os lancetar!... Tendo eu verdadeiro horror á lanceta, com tal fé me apeguei com Nossa Senhora da Fátima, que deitando sobre os braços uma pouca da sua agua e colocando ao mesmo tempo a sua medalha, rezando nessa occasião trez Avé-Marias e uma Salvé-Rainha, fiquei completamente curada! Passados que fôram os dois dias marcados pelo médico, volta elle, e depois de tudo preparado para a operação, qual é o seu espanto, vendo que nada tinha a fazer!

Sorrindo diz: «mas, minha senhora, os seus braços estão curados, o pus eliminou-se e a unica cousa que me resta a fazer é dar-lhe os meus parabens». E attribuindo tudo ao meu terrivel nervoso, voltando-se para minha filha, sua sogra e uma senhora ingleza minha amiga, que estavam, diz: «os nervos desta senhora são de tal ordem que só o susto, a curou». Todas nos sorrimos, e se nada do que sentimos dissemos, foi porque, sendo ele muito, boa pessoa, não nos parece que creia muito nas graças que a Nossa Mãe Santissima por vezes concede aos peccadores, mas pela minha parte não perde pela espera, pois, em occasião opportuna lhe direi tudo que agora tão religiosamente guardei no meu coração.

Parece-lhe que fiz bem ou mal?

Agora deixe que lhe diga uma frase cheia de graça da tal senhora ingleza, catholica praticante e mui pie-

dosa, ao retirar o médico: «o caso é que Nossa Senhora da Fátima vai tirando a freguezia aos médicos, e que elles não podem gostar nada d'isso!...» Calcule a graça que todas lhe encontramos, principalmente por ella não ser de muitas graças...»

E. M.»

Outra cura

De outra carta que nos foi dirigida copiamos o seguinte:

«Quando estava a escrever esta carta fui interrompida pela Francisca de Jesus Mança que me pedia para participar a V. Rev. a cura duma filha de Maria da Murtosa!

Creio que é menina nova...

Sofria dum tumor no peito e consultando os médicos mandaram-lhe fazer uma operação! Pediu uma pouca de agua de Fátima e principiou uma novena, feita do seguinte modo: tomava uma colhersinha d'agua e retirava-se ao seu quarto a rezar o terzo, isto por espaço de 9 dias. Sofria muitas dores e agora não as tem e pode trabalhar. A mãe vendo isto levou-a ao médico e este verificou que nada tinha, havendo desaparecido o tumor!!!

Tenciono procurar a menina e falar com a mãe. Pedem que seja publicado na «Voz da Fátima».

Depois informarei do que souber».

Tudo isto vae melhor explicado noutra carta de 26 de Janeiro.

Diz esta:

«Logo que recebi a sua carta fui a casa da pequena curada.

Já a tinha procurado no dia 2.

E' uma santa menina, filha de Maria, tendo de idade 23 annos.

E' muito simples, não tem a minima maldade. Confessa-se, communga e costura, mas com uma simplicidade enorme!

Não sabe dizer ha que tempos tinha o tumor no peito. Só depois que a mãe lhe percebeu o braço paralisado é que observou o estado em que ella estava.

Foi consultar o primeiro médico e este aconselhou-lhe uma operação.

Foi ao segundo e mandou-a para banhos do mar. Foi ao terceiro que lhe deu um remedio para ella tomar,

(e não unturas ao peito), isto por espaço de 15 dias. Sentia muitas dôres e muitas picadelas. Tomasse o remédio, parando 15 dias e depois, se não obtivesse melhoras tinha de fazer a operação.

Neste meio tempo tomou a agua nove dias e rezava o terço, principiando o tumor a diminuir, a faltarem-lhe as dôres, e já pode trabalhar. A familia está convencida que foi N. Senhora que a curou. Diz a mãe que quando a encontrou nesse estado foi em Outubro passado, nos primeiros dias. Foi em Novembro que tomou a agua da Fátima. Hoje mesmo mandaram dizer uma missa a N. Senhora, e prometem ir á Fátima com a pequena.

A mãe diz que foi N. Senhora quem a curou.

M. D. T. S.

Obras da Fátima

Devido ao inverno não se tem podido continuar as obras, mas sabemos que vão recommençar por estes dias.

A cura das almas

Em Lourdes, assim como em Fátima, as maravilhas palpaveis e visiveis, de ordem phisica, são nada em comparação dos efeitos de ordem moral produzidos pelo benefico ambiente de orações e pelo exemplo contagioso da caridade sob todas as formas. Em Lourdes reina, sem restricção, a verdadeira Fraternidade; em Lourdes tem realisação as aspirações mais equalitarias.

Os exemplos da solidariedade mais manifesta e maior são dadas continuamente por todos, *brancardiers*, enfermeiros e enfermeiras, tanto das piscinas como dos hospitais. Com uma abnegação digna de todos os elogios esquecem as suas proprias necessidades e o seu proprio canção para se consagrarem gratuitamente aos interesses e cuidados de seus irmãos doentes e desherdados.

Em Lourdes é o pobre e o desgraçado que são senhores. Desde a sua chegada á cidade de Maria encontram asilos confortaveis onde se abriguem, cuidados affectuosos para as suas enfermidades, reconforto e consolação para os seus sofrimentos.

Os sacrificios oferecidos para consolação de outros, a mutua afeição avivada pela mesma fé e pelas mesmas aspirações, dão ao desherdado da vida a paciencia e resignação perfectas. Eis, pois, mais um milagre: *em Lourdes não há desesperados!*

Alem disto, quem poderá contar as voltas para Deus obtidas por actos incessantes e atrahentes de caridosa piedade e pela atmospherá especial de fé e piedade?

Que dizer das conversões de que recebemos ás vezes as confidencias e daquelas que se ignoram e por isso se não publicaram?

Quantos homens levados por curiosidade ás margens do Gave, pelos acaços de uma viagem, pela terna e perseverante solicitude de uma mãe ou de uma esposa, quantos homens, o menos preparados possivel para

uma transformação da alma, são repentinamente sacudidos pelo espectáculo de Fé ardente e são subitamente arrastados por este ambiente particular que tem principio em volta dos factos sobrenaturais, na préce comum e nas implorações da multidão?

Quantos, subitamente, esquecem todo o seu passado e suas antigas convicções para se tornarem bons christãos, fieis depois ás praticas religiosas?

Uma tarde, cerca das nove horas, na ocasião de uma importante peregrinação, um sacerdote saía da Igreja do Rosario. A' entrada foi abordado por um homem ainda jovem e distincto, tomado por uma visível comoção, que lhe pediu o ouvisse de confissão.

Os numerosos confessorarios estavam tomados; as confidencias deviam ser longas, afirmava o penitente, pois que havia vinte annos, depois da sua primeira communhão, que se não tinha aproximado do Tribunal da Penitencia.

Logo que as palavras de perdão deram a paz a esta alma de boa vontade, o feliz perdoado, se lançou debulhado em lagrimas, ao pescoço do sacerdote.

«Como eu sou feliz! — exclamava elle — o desejo de receber o perdão das minhas faltas, sem que eu disso tivesse consciencia, se apoderou de mim repentinamente.»

«Meu Padre — acrescentava elle, — faça-me ainda outro favor: acompanhe-me até junto da minha boa mãe que não acreditará se não vier comigo testemunhar a graça que me acaba de ser concedida.»

Evidentemente que, se nos collocamos no ponto de vista scientifico, é a curabilidade do incuravel, é o «milagre» que constitue a característica de Lourdes.

Mas se nos collocamos no ponto de vista religioso e se observamos as multidões em oração, a piedade edificante que se manifesta em toda a parte, as curas sobrenaturais não são senão uma das partes de um conjuncto em que todas as manifestações da vida espiritual e da fé christã simultaneamente se manifestam...

Boissarie cita o exemplo daquelle jovem hospede de Villepinte que recebeu um dia a visita dum médico da capital que acompanhava seu irmão, um engenheiro de religião protestante. Este dr. que tinha dado grandes provas de caridoso interesse pela pobre tísica Julieta Forêt — era esse o nome da desgraçada creança — tinha sido extremamente tocado por esta simpatia. Alguns dias depois ella escrevia a uma bemfeitora e exprimia-se assim:

«Espero que a Santissima Virgem me quererá curar! Se eu devesse continuar doente teria uma pena inconsolavel: *contado* faria de boa vontade o sacrificio da minha saude, de tudo, pela conversão do senhor X., o protestante de que eu recebi a visita.»

Um tal sacrificio voluntario recebeu a sua recompensa.

Nossa Senhora de Lourdes attendeu os desejos da piedosa rapariga.

Julieta Forêt foi curada da sua tísica em ultimo grau; o médico pronunciou os seus votos religiosos nos Padres Redemptoristas, e o engenheiro converteu-se ao catholicismo.

No curso do verão de 1920, eu via entrar na secretaria das verificações o senhor X... membro distincto da sociedade de Paris.

La acompanhado de sua mulher e de sua filha. Esta ultima, encantadora creança de doze annos, de fórmas agradaveis e regulares, dotada de uma intelligencia pouco commum, apresentando todas as apparencias duma boa saude, era afligida por um strabismo dos mais acentuados, que desfigurava completamente o seu bello rosto. De olhos lacrimosos, a senhora X... expunha-me a profunda pena que lhe causava, assim como a seu marido, a enfermidade tão desgraciosa de sua filha.

Um e outro, cheios de confiança e de fé vinham implorar de N. Senhora de Lourdes na sua augustia, não duvidando de que suas préces seriam atendidas.

Tres dias depois recebia eu novamente a visita da familia X...

«Doutor dizia-me a mãe consolada, fizemos *todos tres* o sacrificio da cura da minha filha:

No fim de contas a sua enfermidade não nos causa, tanto a ella como a nós que fomos acumulados de bens terrestres, senão uma simples beliscadura no nosso amor proprio.

E o que é isso ao pé de tantos horriveis sofrimentos, de tão repelentes enfermidades, de que, desde que chegamos, temos o espectáculo em volta de nós? Que a Santissima Virgem nos conserve a nossa prova; que ella venha em auxilio de nossos irmãos desherdados pelos quais unimos as nossas orações!»

As contas de S. Pedro

Rev. ^{mo} Senhor Prior:

Consinta V. Rev. que lhe fale com franqueza.

Sabe quanto sou dedicada á nossa freguesia e que não gosto de faltar á missa, á desobriga, etc. Mas, sinceramente, parece-me que os peditórios vão sendo demais...

E' para uma enfiada de Irmandades, para o seminario, a pensão do Pároco, a quota do capelão, e para os alemães famintos, dinheiro de S. Pedro, clero pobre, etc.

Quasi não nos deixam um dia tranquilos.

E creia V. Rev. que não sou só eu a pensar assim.

Outras pessôas, e das mais amigas da nossa igreja, me tem dito que gostariam, ao menos uma vez por outra, de resar em paz numa igreja sem receio de ser importunadas e distrahidas por peditórios importunos.

Não me leve V. Rev. a mal este desabafo.

De V. Rev. parochiana muito dedicada e respeitosa

Alice Maria

Eram 8 horas quando o sr. Prior

recebeu das mãos do sacristão o sobrescrito lilaz com sinete sobre laçre prateado.

Começava bem aquele dia, como aliás quasi todos. Era, logó de manhã, a arreliasinha inevitavel.

Leu, tornou a ler... e fez um exame de consciencia.

Sim... de facto havia muitos peditorios.

Mas que remedio?

E' certo que todos vivem com dificuldades... A carestia da vida... Na verdade...

Mas a Igreja tambem a sentia, a carestia da vida. Eram cada vez mais os pobres. As despezas do culto aumentavam sempre. Depois o apelo instante do Prelado que não tem recursos para sustentar os seminaristas. E tudo, tudo...

Enfim, far-se-á o que fôr possivel, monologava o sr. Prior, cauteloso. E' preciso contentar toda a gente. Ha de encontrar-se maneira de deixar que as *bôas parochianas rezem na igreja sem que se lhes espie o fervor da oração...* e sem que lhes seja forçoso alargar os cordões á bolsa, ou aliviar a carteirinha gentil... Não ha duvida; isto de ser pároco é um descanço!...

Ora succedeu que oito dias depois a Sr.^a D. Alice Maria apanhou uma gripe das peiores e tão má que a Sr.^a D. Alice Maria morreu.

Num abrir e fechar de olhos, principalmente num fechar de olhos, estava deante de S. Pedro.

— Meu bom S. Pedro, sou eu a Alice Maria.

— Ah!... Sim...

— Ha dois dias ainda eu fui á igreja...

— Ah! Sim... sim...

— O meu Prior conhece-me muito bem. Mesmo é ele que hoje diz a missa de corpo presente...

Vai muita gente ao meu enterro...

S. Pedro, indiferente e frio, folheava o seu grande livro de registo, aquele livro em que se escreve tudo o que nós por cá fazemos e dizemos.

E enquanto lia deixou escapar, por entre dentes, certas palavras que davam calafrios.

— Alice Maria, muito sentimental: piedade exterior, superficial, só ao de cima... pouca vida interior.

Em casa pouca vigilancia sobre a educação dos filhos e vida dos creados. Um certo numero de coisas mal feitas e nunca reparadas... Valdade... não é má pessoa... mas uma lingua um tanto comprida.

Em certa altura carregou as sobancelhas.

— Fortuna importante.

E S. Pedro olhou fito a pretendente ao Paraiso.

— E as Obras paroquiais?

— Oh, meu bom senhor S. Pedro, eu dava para todas as Obras!...

— Quanto?

— O mais que eu podia!...

— Quanto? insistiu o antigo Pescador.

— Não sei... Não me lembro...

Estou toda a tremer... Mas eu dava sempre e para todas as Obras! Para todas. Na vespera de cahir doente paguei sete recibos, nada

menos. Dava todos os mezes para o culto... para festas...

— Dois mil e quinhentos...

— E tambem dava todos os anos para o Seminario!...

— Dez tostões.

— Perdão, senhor S. Pedro, este anno quinze tostões.

— Tem razão; mas cinco eram doutra pessoa.

— E' verdade...

— Aqui é sempre verdade!

— Mas eu dava a todos os peditorios.

— Cinco tostões.

— E dava para o dinheiro de S. Pedro, para a Propagação da Fé, e para a Catequese... Dava sempre, sempre!...

— S. Pedro olhava-a por cima dos olhos, enquanto ela falava... falava. De subito atalhou:

— E sabe, quanto dava, ao todo, cada anno?

— Nunca fiz a conta...

— Fi-la eu.

— Uma bruta quantia, não é verdade, meu bom senhor S. Pedro?

— Oito mil réis, moeda actual.

— Só isso?

— Nem um centavo a mais.

— Pois parecia-me que era maior quantia...

— Parece sempre.

— Mas não haverá engano?

— Aqui não ha enganoso. Devias ter dado, pelo menos dez vezes mais.

— Meu Deus, com a vida tão cara!...

— Nem sempre te lembraste da carestia da vida. Recordas-te do que deste pelo teu ultimo vestido? E de quanto gastaste em praias, comboios automoveis e mil outras bugigangas inuteis no ultimo anno? Tenho aqui a conta...

— Meu bom Senhor S. Pedro! Faz-me tremer de medo...

— E com razão!

— Mas que quer dizer com isso?

— Que tem um logar no Purgatorio.

— Meu Deus! Senhor! Senhor!...

— Não é aquele que implora *Senhor! Senhor!* que entrará no Reino dos Ceus, mas o que ouve a palavra de Deus e a guarda.

Ora chegando o Sr. Prior a sua casa, quasi sem folego para a confessar, contraiu por contagio a mesma doença e de tal forma que em poucos dias passou d'esta para melhor.

Coube-lhe a vez de comparecer deante de S. Pedro, que estava *com cara de caso*. O Porteiro olhava-o de sobreceño franzido.

— Ao que parece, as coisas não iam mal lá pela freguesia. Mas aqui as aperecias valem pouco. V. Reverencia é responsavel pelos seus paroquianos...

— Eu era muito cuidadoso com a catequese e com a homilia.

— E' certo; cá está: «ensinava com zelo a doutrina.»

— Visitava, amparava, socorria os pobres...

— Tambem é verdade. Mas V. Rev.^a era fraco com os paroquianos: não se atrevia a dizer-lhes com franqueza os sacrificios que tinham de impôr-se. V. Rev.^a falava com delicadeza

mundana quando devia falar com energia apostolica e sobrenatural. A gente rica, por exemplo, acreditou sempre, graças ao silencio de V. Rev.^a, que podia gastar contos e contos de réis em superfluidades, ao mesmo tempo que para as Obras da paroquia dava uma contribuição de miseria. E quem sofre as consequencias do silencio de V. Rev.^a? Os seus paroquianos. E sai-lhes caro. Ainda ha poucos dias eu mandei para o Purgatorio uma paroquiana a quem V. Rev.^a muitas vezes falava e a quem considerava uma paroquiana modelar. Modelar? Pois está no Purgatorio.

— A Senhora D. Alice Maria?

— Essa mesma. E V. Rev.^a vai fazer-lhe companhia, e, naturalmente com alguns anos a mais. Responsabilidades de pastor...

Com efeito, o sr. Prior lá encontrou a sua paroquiana no Purgatorio.

Contente é que ela não estava, não.

— Sr. Prior, é por sua culpa.

— Minha Senhora, tambem eu digo: é por sua culpa.

— Mas eu não sabia. V. Rev.^a tinha obrigação de me dizer qual era o meu dever.

— Não me atrevia, minha Senhora. Lembra-se da sua ultima carta?

— Ah! Se eu tivesse sabido...

— Se eu tivesse mais coragem.

E, enquanto tais sucessos se passavam *lá em cima*, cá em baixo, no quarto de cama da Senhora D. Alice Maria os felizes herdeiros de S. Excellencia esvasiavam o cofre forte, abarrotando de accões de Bancos, de obrigações de Companhias, de papeis de todos os matizes representando valores de todas as especies; inventariavam os massos de notas do Banco atados havia muitos anos, para ali arrumados inuteis, estereis.

— Meu caro, bôas *massas*, hein? Eu bem o dizia...

— Eu tambem sabia que ela as tinha... Mas tanto...

(Imitado de PIERRE L'ERMITE)

AVISO

Sabemos que algumas pessoas andam por varias partes vendendo terços e outros objectos religiosos dizendo que os vendem por conta de Nossa Senhora da Fátima, quando afinal é por conta propria.

Estamos oficialmente autorizados a declarar que nenhuma pessoa está encarregada de fazer tais vendas.

Errata

Na poesia publicada no penultimo numero deste jornal onde se lê *corações innocentes* deve lê-se *corações incertos*.

Hos extraviados

Ahi pelos meados de agosto ultimo noticiaram os jornaes em laticonicos telegramas o desastre succedido a peregrinos, entre os quaes vinte e quatro holandezes, que em camion voltavam de Gavarnie a Lourdes.

Perto de Saint-Sauveur e não longe da ponte de Napoleon, onde a estrada é estreita e o declive muito grande, um movimento rapido do volante, com que o *chauffeur* quiz evitar o atropelamento de uma mulher, fez recuar com violencia o camion e este precipitou-se com todos os passageiros por uma ribanceira de setenta metros de alto.

Os peregrinos holandezes morreram todos ficando horrivelmente desfigurados. Alguns dos outros passageiros que escaparam á morte, ficaram em estado gravissimo. Passados os primeiros momentos da triste impressão causada pelo desastre, começaram as averiguações a respeito das victimas e o que se apurou foi que os taes peregrinos holandezes eram quasi todos protestantes e faziam parte de um grupo de excursionistas organizado pela agencia Klerck, da cidade de Dordrecht na Holanda, creada para enviar de vez em quando passeantes a Lourdes, onde fariam o centro das suas alegres excursões pelos Pyreneus. O chefe deste grupo, que tambem morreu, era o mesmo Klerck fundador da agencia, redactor-chefe do jornal «O Protestante».

Ora o objecto principal das polemicas do jornalista Klerck era o culto de N. Senhora. No ultimo numero do seu jornal fizera inserir um artigo perfido contra os factos sobrenaturaes de Lourdes terminando por dizer que «neles só pode ter confiança quem possuua uma fé ingenua ou uma alma de cortiça.»

«Havia uns mezes que o redactor em chefe, Klerck, vinha annunciando no seu jornal que dentro em pouco appareceriam no jornal protestante de que elle era secretario, diz o jornal holandez «De Tijd», artigos para combater as curas de Lourdes. Pelo que me consta, diz o citado jornal, fôra elle para esse fim a Lourdes onde passou uns cinco dias da segunda semana de agosto. Nessa mesma semana fizera annunciar o seu proposito no seu jornal, em artigo feito antes da partida.

«Impediu-o a morte.

A mão que devia retomar a pena contra o culto de N. Senhora ficou hirta pela morte. Foi chamado com os excursionistas que o acompanhavam, ao tribunal de Deus.»

O nosso jornalsinho é distribuido gratuitamente no Fátima nos dias 13 de cada mês. Só teem direito a recebe-lo pelo correio, durante um ano, os que tiverem mandado dez mil réis.

Satisfaremos gostosamente qualquer reclamação que os leitores entendam necessario fazer-nos

Voz da Fátima

Despezas

Transporte	8:555:620
Impressão do n.º 16.	200:000
Outras despezas.	40:000
Somma.	8:795:620

Subscrição

(Continuação)

Donativos (Carrascos).	15\$000
D. Maria Celeste de Seabra Fabião.	10\$000
D. Maria José da Silva	12\$000
P.º Antonio Cesar de Gouveia Valente.	10\$000
D. Maria Teresa da Silva Passos.	10\$000
D. Maria Olivia de Santo Antonio Netto	10\$000
D. Ophelia da Veiga Motta	10\$000
D. Anna de Campos Godinho	20\$000
Narciso Martins Ribeiro.	10\$000
D. Margarida E. d'Almeida.	20\$000
D. Maria da Boa Hora Santos Bernardes	10\$000
D. Maria da Conceição Alcantara Matheus	10\$000
D. Maria Aurora Viegas.	10\$000
João Lourenço Gomes dos Santos.	10\$000
D. Maria Clara Rodrigues Monteiro	10\$000
D. Berta Mayer Machado (2.º anno)	10\$000
D. Maria da Graça Duarte Santos.	12\$000
D. Marina Augusta Chaves	12\$000
D. Elisa Coelho Marques (2.º anno)	15\$000
D. Maria da Purificação Godinho	10\$000
Antonio da Costa Melicias (2.º anno)	10\$000
D. Livia d'Almeida Baltazar	10\$000
D. Virginia Mendes de Sousa e Silva	20\$000
D. Manuela Sobral Alvares.	10\$000
D. Maria José d'Almeida Teles	10\$000
P.º Antonio Carreira Bonifacio (2.º anno)	10\$000
D. Luiza Barreiros Salema	10\$000
D. Flavina Rabuça	10\$000
D. Maria Adelaide de Rezende	10\$000
D. Maria Pedroso	10\$000
D. Maria da Assumpção Lucas (2.º anno)	10\$000
Percentagem na venda de ferros, estampas, jornaes, etc. (Pardêlhas).	149\$000
P.º Rodrigo Luiz Tavares (2.º anno)	10\$000
Maria de Jesus Pinho Cardoso	5\$000
Benedicta d'Oliveira Horta (2.ª vez)	2\$500
De jornaes (Alcanena).	29\$500
D. Carolina da Conceição Silva	10\$000
Manuel Antonio Lopes (2.º anno)	10\$000
D. Maria da Conceição Alves de Mattos (2.º anno)	10\$000
D. Maria das Mercês Bianchi Coelho da Rocha	10\$000
Francisco de Lencastre (2.º anno)	10\$000

Manuel Duarte Silva (2.º anno)	10\$000
Antonio Alberto (ignora-se a morada)	10\$000
Cosme Ferreira de Castro (2.º anno)	10\$000
Manuel Lucio de Andrade (2.º anno)	10\$000
P.º José, da Amoreira, Antonio Monteiro e outros.	15\$000
Dr. Antonio Faria Carneiro Pacheco (2.º anno)	20\$000
D. Amelia Augusta de Jesus e Silva Garcia.	10\$000
D. Romana Caldás Pereira da Silva.	10\$000
D. Maria Amelia Capelo Franco Cunha Mattos	10\$000
Antonio B. Figueiredo Nunes de Carvalho	10\$000
D. Maria do Rosario Martins	10\$000
Antonio Antunes Mota	10\$000
D. Cesarina da Piedade.	10\$000
Joaquim Alves Martins	10\$000
D. Maria Primitiva Castro	10\$000
Marianno Lemos	10\$000
D. Maria José Amado de Abreu Amorim Pessoa	10\$000
D. Maria Luiza Rodrigues	15\$000
P.º Antonio dos Santos Alves (2.º anno).	10\$000
Paiva, Irmão & C.ª	20\$000
Serafim da Cruz Vieira	10\$000
D. Maria Irene Themudo Figueira de Andrade Nogueira	20\$000
D. Generosa Farinha	12\$000
D. Maximiana Vieira.	10\$000
João Lopes Laranjeiro.	10\$000
D. Josefa Carolina de Mattos Chaves.	10\$000
D. Maria da Conceição V. Franco.	10\$000
D. Maria do Carmo da Rocha	15\$000
D. Maria Miranda Fragoso.	10\$000
D. Anna Fernandes Potes Gião	20\$000
D. Maria Christina Capello Franco	10\$000
D. Margarida Manuel Pinto Coelho (2.º anno)	10\$000
Antonio Coelho da Rocha	10\$000
D. Ermelinda Coelho da Rocha	10\$000
D. Brigida de Sousa Sampaio	10\$000
D. Maria do Carmo Raposo de Sousa d'Alte	5\$000
E. B. D. A. C. B. (Angra).	20\$000
Joaquim Augusto de Lacerda	5\$000
D. Maria d'Ascensão Barros de Mello	10\$000
D. Amelia Pereira Coutinho.	10\$000
D. Maria de Jesus Gorjão Henriques de Brito Fernandes	10\$000
D. Maria Adelia de Freitas Torres.	10\$000
Manuel F. de Mello (2.º anno)	10\$000
P.º João Lopes Gomes (2.º anno)	10\$000
P.º Antonio Carreira Poças e D. Delfina de Jesus Venancio (2.º anno)	10\$000
D. Beatriz Rodrigues Vieira (2.º anno)	10\$000
D. Maria da Conceição Toscano Tinoco	10\$000